



Psicodrama Público como Método de Abordagem no Contexto das Subjetividades

Gilmar Antoniassi Junior¹, Regina Celia de Souza Beretta², Glória Lúcia Alves Figueiredo³

Resumo: A depender do tema de pesquisa, a composição de grupos de estudo traz dificuldades ao pesquisador que vão desde a mobilização à captação de participantes colaborativos, e nos estudos em que o objeto a ser estudado é a subjetividade essa dificuldade se amplia. Identificar a capacidade do psicodrama em mobilizar e abordar pessoas para essa composição foi o objetivo do presente artigo. Optou-se pelo método do psicodrama público, sendo no centro da cidade o cenário para a sessão. A abordagem resultou na composição de um grupo de 18 participantes colaborativas, todas do sexo feminino. Aponta-se nesse resultado uma limitação de abordagem para pesquisas que se voltam à percepção masculina. Conclui-se que, a sessão de psicodrama na modalidade pública se configurou como um facilitador na captação de participantes dinâmicos e capazes de verbalizar suas subjetividades. Ambos, elementos essenciais para participantes em metodologias participativas no contexto das subjetividades. Sugerem-se novos estudos para compreensão da participação feminina em estudos dessa natureza.

Palavras-chave: mulheres, psicodrama, promoção da saúde.

Public Psychodrama as a Method of Approach in the Context of Subjectivities

Abstract: Depending on the research theme, the composition of study groups brings difficulties to the researcher, ranging from mobilization to attracting collaborative participants, and in studies in which the object to be studied is subjectivity, this difficulty increases. The objective of this article was to identify the psychodrama's capacity to mobilize and approach people for this composition. The public psychodrama method was chosen, with the setting for the session in the center of the city. The approach resulted in the composition of a group of 18 collaborative participants, all female. In this result, there is a limitation in the approach to research that focuses on male perception. It is concluded that the psychodrama session in the public modality was configured as a facilitator in capturing dynamic participants and able to verbalize their subjectivities. Both are essential elements for participants in participatory methodologies in the context of subjectivities. Further studies are suggested to understand female participation in studies of this nature.

Keywords: women, psychodrama, health promotion.

¹ Doutorando e Mestre em Promoção de Saúde, Universidade de Franca (UNIFRAN). Docente do Departamento de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas.

² Doutora em Serviço Social (UNESP). Pesquisadora Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde, Universidade de Franca (UNIFRAN).

³ Doutora em Enfermagem em Saúde Pública (USP). Membro do GT nacional de promoção da saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). jrantiassi@hotmail.com.

* O manuscrito baseado nos resultados da Tese de Doutorado intitulada - Contextos Adversos e Desiguais da Cidade: O Psicodrama como Método de Promover o Protagonismo das Mulheres em Cena.

** Fonte financiadora: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Introdução

Subjetividade é constituída por fatores internos e externos, singulares e sociais, uma complexidade que desafia sua conceituação e apreensão. Segundo Rey (2019), é uma dimensão pessoal construída a partir de relações capazes de produzir significados em diferentes expressões. Não se trata apenas da capacidade cognitiva, mas também de experiências, opiniões e sentimentos pessoais, responsável parcialmente pelo motivo pelo qual uma pessoa ama uma pintura abstrata enquanto outra a odeia. Ela se refere à singularidade de uma pessoa e que influencia suas percepções.

Os aspectos singulares do mundo são do jeito que são para cada indivíduo em virtude de como pensam, sentem ou são percebidos. Esses estados mentais são representacionais e subjetivos (FERRAZ et al., 2016). As características subjetivas dos processos mentais conscientes, em oposição às suas causas e efeitos físicos, não podem ser capturadas no mundo físico que sublinha as aparências. Não apenas os sentimentos brutos, mas também estados mentais intencionais por mais objetivos que sejam seu conteúdo se manifestam de forma subjetiva (REY; GOULART, 2019).

Na filosofia, a distinção entre objetivo e subjetivo normalmente se refere a julgamentos e reivindicações que as pessoas fazem. Presume-se que julgamentos e alegações sejam objetivas e estejam livres de considerações pessoais e perspectivas emocionais. Contudo, julgamentos e reivindicações são fortemente influenciados por considerações pessoais (REY, 2019; FERRAZ et al., 2016).

Para Silva e Moraes (2019) as distinções entre objetividade e subjetividade estão no centro de debates e conflitos de filosofia, moralidade, ciência e muito mais. Muitas vezes, o objetivo é tratado como vital, enquanto o subjetivo é usado como crítica. Julgamentos objetivos são bons; julgamentos subjetivos são arbitrários. Padrões objetivos são bons; padrões subjetivos não. Rey (2019), reforçou que a realidade não é tão limpa e arrumada, há áreas em que a objetividade é preferível, mas outras em que a subjetividade é melhor. Porém deve-se ressaltar a Intersubjetividade que é definida como concordância subjetiva. É fato que as mentes individuais podem estar erradas, pois grande parte do nosso conhecimento e ciência se baseia nas intersubjetividades e no consenso (FERRAZ et al., 2016; REY; GOULART, 2019).

A intersubjetividade é dependente do contato social, envolvendo a comunicação entre pessoas que vão se estabelecendo em determinados espaços, preferencialmente, de modo afetivo e amigável. O surgimento das cidades reuniu em espaços delimitados grande número de

pessoas, permitindo a comunicação e um cenário de intenso estabelecimento de interações, positivas e negativas.

O cenário é o ambiente de uma ação, fatos e conjunturas, e a cena é a própria ação. Assim, protagonizar é estar em ação, é ser exposto às diversidades culturais, (des)proteções e (in)visibilidades que caracterizam uma cidade (Figueiredo et al. 2018, p. 31). A apreensão desses elementos torna-se um desafio extra para estudos dessa natureza.

Para Jacob Levis Moreno (2011), o criador do Psicodrama, o ser humano desde o ventre já adere a papéis sociais individuais e coletivos (BRAGA; ANTONIASSI JUNIOR, 2019). O conceito de papel é a fusão entre vivências privadas e coletivas que as pessoas assumem por momentos e de forma específica para lidar com situações perante outras pessoas.

O psicodrama oportuniza o encontro de homens inacabados, que vão se moldando por meio das relações sociais, ao mesmo tempo em que se reflete a subjetividade entre as pessoas. As representações de papéis se constituem no reconhecimento do eu e do outro (RAMALHO, 2010) e por meio do jogo psicodramático a possibilidade de se reduzir as resistências e promover a reflexão no tocante a subjetividade.

O psicodrama quando público possui a capacidade de mobilizar intensamente e provocar a sensibilização a um grande número de pessoas; as quais estarão reunidas uma única vez, em um único momento, podendo, assim, com o propósito de expressar seus dilemas de vida e dramatizá-los ou não (SOEIRO, 1995; WECHSLER; MONTEIRO, 2016) possibilitando, a partir deste contexto, constituir-se em um grupo psicodramático.

Acredita-se que a seleção de participantes mais colaborativos possa acontecer entre àquelas pessoas que reduzem resistências e se expressem no jogo psicodramático público, norteando a seguinte questão: o psicodrama poderia ser um método eficaz para abordagem de participantes colaborativos em pesquisa? Nesse sentido, apresenta-se como objetivo identificar a capacidade mobilizadora de abordagem do psicodrama para composição de participantes em pesquisas no contexto da subjetividade.

Trabalho de campo no Centro da Cidade: cenas do Psicodrama Público

O movimento foi realizado na cidade de Patos de Minas, no interior do estado de Minas Gerais, Brasil, região do Alto Paranaíba. De acordo com dados do IBGE no ano de 2018, registrou-se uma população estimada de 150.893 habitantes, sendo 51% mulheres e 49%

homens. Desses, 26,3% possui idade entre 40 a 59 anos, seguido de 24,2% entre 25 a 39 anos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 2019).

Constituiu-se um grupo de trabalho composto por universitários estagiários do curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas, que foram capacitados na modalidade do psicodrama para auxiliarem na pesquisa.

O grupo foi composta por seis estagiários, especificamente do quinto ano, os quais estão cursando o estágio profissionalizante. O preparo do grupo de trabalho desenrolou-se aproximadamente por quatro meses com encontros semanais, de aproximadamente duas horas para cada momento. Nestes encontros, realizaram-se discussões epistemológicas da teoria psicodramática; manejo das técnicas intervencionais do psicodrama e do jogo psicodramático; e formas de abordagens para o convite da população. Por fim, uma vivência realística do contexto para a aplicação do psicodrama público.

Aos membros do grupo de trabalho foram denominados como ego auxiliar, seguindo os termos assim empregados aos atores envolvidos na sessão de psicodrama, e ao pesquisador como diretor. É oportuno mencionar a função estabelecida pelo ego auxiliar e diretor. Recebeu o nome de diretor aquele que assumiu a função terapêutica da ação na condução da sessão, o qual, nomeadamente, conduziu de forma orientativa os participantes na orientação das tarefas e aplicou interventivamente a técnica. Já o ego auxiliar assumiu a função de coterapeuta da ação, quando chamado pelo diretor para auxiliar os participantes nas tarefas e/ou tomando lugar na aplicabilidade da técnica.

No primeiro momento, foi realizada captação dos participantes por meio de uma movimentação em toda parte da cidade para que ocorresse a sessão de psicodrama público, estabelecendo o convite a participar. Para isso, o grupo de trabalho percorreu programas de rádio e televisão local, divulgando o psicodrama e estabelecendo o convite. O grupo, também, afixou cartazes no centro da cidade e corredores da universidade. O chamado dos cartazes era: Psicodrama Público, venha expressar suas emoções – constando o dia, horário e local.

Logo, a mobilização para a sessão de Psicodrama Público ocorreu na Praça Central da cidade, em um sábado de manhã, em dia e horário predominantemente de movimento. Os membros do grupo de trabalho disponibilizaram, no centro da praça, uma caixa de som com músicas agitadas; um dos egos auxiliares, com microfone, convidava aqueles que passavam pela rua. Enquanto esperava pelos interessados, aos poucos, as pessoas iam se aglomerando no local.

No psicodrama, o convite à sessão corresponde ao que Moreno chamou de convite ao encontro (na sessão psicodramática). Monteiro, Merengué e Brito (2006, p.31) dizem que, ao se considerar a pesquisa científica especificamente no âmbito das ciências humanas e da saúde, como uma atividade humana dinâmica e instável, pode-se colocar como cientistas, pesquisadores, sem abrir mão dos papéis profissionais.

Enquanto as pessoas aproximavam-se, o diretor e os egos auxiliares aproximavam-se, cumprimentavam e estabeleciam contato prévio e de escuta, convidando-os a permanecerem e participarem da movimentação, assim, estabelecendo o rapport. Alguns que se aproximavam já estavam no local intencionalmente por terem ouvido ou visto sobre a sessão que ocorreria.

A finalidade científica do rapport, numa pesquisa qualitativa, dar-se-á pelo envolvimento com o local de pesquisa e participantes na obtenção da permissão para investigar, facilitando, assim, o envolvimento com a coleta de dados (CRESWELL, 2014). Isso está associado à finalidade do psicodrama, que sucede em dar condições da pessoa romper suas barreiras e se colocar em condição para ação (MONTEIRO; MERENGUÉ; BRITO, 2006).

Com o som da música e os egos auxiliares a postos entre aqueles presentes no local, o diretor toma a condução, propondo uma atividade de alongamento. Sequencialmente, todos foram convidados a se interagirem a partir do som das cantigas. Enquanto os participantes aglomerados cantavam e interagiam, aos poucos, eram convidados a adentrarem no Teatro Municipal, pois o local escolhido teria sido estratégico, assim, sucedendo a sessão do psicodrama público.

O modelo de sessão pública empregada baseou-se no que Moreno (2011) agenciou de intermédio da técnica do teatro espontâneo. Devido ao psicodrama público possuir a capacidade de mobilizar intensamente e provocar a sensibilização a um número grande de pessoas, reunidas uma única vez, em um único momento, numa experiência essencial para vivenciar o momento - o aqui e agora e o fazer-se um representar a parte de um conjunto (o que seria o processo psicodramático) _ pode expressar seus dilemas de vida e dramatizá-los ou não (WECHSLER; MONTEIRO, 2016; SOEIRO, 1995).

A sessão pública do psicodrama ocorreu no Teatro Municipal da cidade e teve duração de quatro horas. É oportuno mencionar que não se ateu a limitações, ou seja, tanto homens como mulheres em diferentes idades poderiam participar da sessão. Contudo, aproximaram-se 31 pessoas participantes da sessão, sendo 9 homens e 22 mulheres.

Para início do encontro e como atividade de aquecimento inespecífico, as luzes foram apagadas e várias músicas de diferentes estilos foram tocadas. Logo em seguida, como a

atividade de aquecimento específico foi solicitado que os participantes se sentassem em círculo ocupando todo o palco e ao som da música metamorfose ambulante, foi pedido:

“Enquanto a música toca reflita sobre como você se apresentaria para viver em uma sociedade” (Diretor).

Durante a atividade era possível observar participantes chorando, outros com olhares fixos, outros sorridentes, mas ambos muitos concentrados. Quanto terminado a música o diretor indaga no grupo:

“Quem gostaria de se apresentar” (Diretor).

E logo, um dos participantes sem hesitar e com muita convicção iniciou sua apresentação e sequencialmente alguns foram se levantando e apresentando.

“Eu me considero uma mulher muito forte. Sou forte, tenho muita experiência de vida, o que me fez ser a mulher forte que eu sou hoje. Mas eu sou forte, me acho inteligente, me acho amiga, verdadeira, sincera. Só que eu também sou arrogante. Eu sou grossa, às vezes mal-educada. E o que mais me incomoda é a minha falta de paciência. Eu me irrita por qualquer coisinha, uma coisinha insignificante me tira do sério muito facilmente. Eu sou assim... (Participante 1)”.

“Eu queria minha mãe, queria colo de mãe. Sabe por quê? Eu vivo nessa cidade dia e noite andando na rua... é meu filho, é meu marido usuário de droga... meu filho está preso por tráfico de droga, mas ele não é traficante... meu marido é usuário de crack... larguei um casamento com um estrangeiro para ficar com ele, e olha aí para você vê, agora vivo nisso... ele não é ruim para mim, mas me incomoda a droga dele (Participante 2)”.

Sou solteira, completamente desiludida. Fico viajando, não tenho parada certa, nem compromisso com nada, nem ninguém. Sou completamente? Não tenho medo de nada. Adoro aventura, porém não carrego ninguém. Vivo cada dia como se fosse o último. Adoro conhecer pessoas... Na verdade eu estou em uma busca, mas não sei o que é... Mas, enquanto eu não encontro... adoro viver cada dia. Eu nunca tive pais, e isso é ótimo. Sou filha da liberdade. Gostaria que a vida nunca tivesse fim. Embora eu não me apegue a ninguém muitos que passam em minha vida são importantes. Me ensinam muito (Participante 3).

Tenho cinco irmãos um é adotivo. Minha mãe pegou quando ele tinha cinco anos de idade. Meu pai nesta época era alcoólatra. Nesta época minha mãe adotou este menino que hoje é meu irmão. Ele é muito moreno, mas é como fosse branco na alma. A gente é irmão de coração mesmo. Mas sabe, ela que estava pegando uma criança e eu estava grávida e quando descobriu que eu estava grávida pegou duas crianças ao mesmo tempo. Na época eu tinha

apenas 14 anos e quando eu ganhei a minha menina eu tinha quinze anos, né. Aí que ela foi conhecer quem que era o pai e tal, quando a menina tinha dois anos... O pai foi assassinado depois de uns quatro dias ou cinco dias eu não me lembro bem (Participante 22)”.

Enquanto as apresentações ocorriam todos ficavam atentos, os olhares se fixavam, alguns derramavam lágrimas, era possível perceber o domínio da emoção, sensibilizando os participantes. Dos, 42 participantes apenas 15 se manifestaram, narrando sua apresentação, os demais apenas disseram nome e idade, era possível perceber a conectividade de todos os participantes. Com a oportunidade de todos falarem, o diretor propôs:

“Agora vocês irão caminhar pelo palco entre si. Fiquem à vontade para ser livres e fazer o que desejarem” (Diretor).

E ao som de diversas músicas do tipo popular brasileira, eles foram se interagindo com abraços, sendo possível observar no decorrer da interação, diálogos em diferentes contextos. E depois de um tempo, quando todos estavam bem próximos foi dado o comando pelo diretor.

“Se tivéssemos que fazer uma imagem todos juntos qual seria? (Diretor)”

E um dos participantes disse *“vamos nos abraçar e se aproximar bem perto”*. Todos os participantes se abraçaram, formando um só corpo, porém plural e coletivo. Após o registro, o diretor encerrou a sessão do grupo, ora formado apenas por mulheres. Na sequência, explicou a proposta da pesquisa a ser iniciada e realizou o convite a participarem do estudo. Assim, registra-se o cuidado ético ao garantir-lhes atendimento no ambulatório universitário em Saúde Mental da cidade.

Ao final da sessão pública de psicodrama, evidenciou-se a necessidade de continuidade terapêutica com as 22 participantes e elas foram convidadas, mas somente 18 delas aceitaram. Com o grupo formado, a elas foram acordados o dia, local e horário do próximo encontro.

A composição resultante no presente estudo, embora pública, espontânea e única ficou restrita ao sexo feminino, limitando a aplicação desse método para abordagem em pesquisas que se voltam para a percepção do olhar masculino. Contudo, esse fato sugere novos estudos para essa compreensão e eventuais adequações.

Considerações Finais

A sessão de psicodrama na modalidade pública se configurou como um facilitador na captação de participantes de pesquisa. Uma vez que reuniu pessoas dinâmicas que romperam com a inibição ao se expressarem já no primeiro encontro, além de se mostrarem capazes de verbalizarem suas emoções. Ambos são elementos essenciais para a pesquisa, mas de modo particular para as pesquisas contexto das subjetividades.

Referências

Braga, R. M., & Antoniassi Júnior, G. (2019). MORENO: encontro existencial com as psicoterapias. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, 5(Suppl.1), 34-42.

Ramalho, C. M. (2010). *Psicodrama e dinâmica de grupo*. Aracaju: Inglu.

Soeiro, A. C. (1995). *Psicodrama e Psicoterapia*. 2. ed. São Paulo: Agora.

Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. (2016). *Psicodrama público na contemporaneidade: cenários brasileiros e mundiais*. São Paulo: Ágora.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2019). *Quantidade de homens e mulheres. Conheça o Brasil: população*. Brasília, DF: IBGEeduca, Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>.

Monteiro, A. M.; Merengué, D., & Brito, V. (2006). *Pesquisa qualitativa e Psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa*. Tradução de Sandra Mallann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

Moreno, J. L. *Psicodrama*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

Figueiredo, G. L. A., Martins, C. H. G., Santos, W. L., Damasceno, J. L., & Akerman, M. (2018). Promoção da saúde no espaço urbano: relações e modos de vida saudáveis podem mudar a cena? In: Figueiredo, G. L. A., Martins, C. H. G., & Akerman, M. (Org.). *Vulnerabilidade & saúde: grupos em cena por visibilidade no espaço urbano*. São Paulo: Hucitec, 2018, cap. 1, 31-40.

Ferraz, L. A. N., Santos, J. V., & Almeida, J. M. (2016). Subjetividade em Heidegger e Benveniste: possíveis aproximações, *Antares: Letras e Humanidades*, 15(8), 165-178.

Silva, S. L., & Moraes, D. (2019). Subjetividade e objetividade: antinomia kantiana do gosto na arte e no design: antinomia kantiana do gosto na arte e no design. *Estudos em Design*, 27(3), 327-345.

Rey, F. G. (2019). Subjectivity in debate: some reconstructed philosophical premises to advance its discussion in psychology: Some reconstructed philosophical premises to advance its discussion in psychology. *Journal For The Theory Of Social Behaviour*, 49(2), 212-234.

Rey, F. L. G. & Goulart, D. M. (2019). Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. *Obutchénie: Revista De Didática E Psicologia Pedagógica*, 3(1), 13-33.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ANTONIASSI JUNIOR, Gilmar; BERETTA, Regina Celia de Souza; FIGUEIREDO, Glória Lúcia Alves. Psicodrama Público como Método de Abordagem no Contexto das Subjetividades. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Julho/2020, vol.14, n.51, p. 745-753. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 15/07/2020;

Aceito: 20/07/2020.